

# Neo-desemprego: o paradigma hodierno

*Josecleto Costa de Almeida Pereira*

## **“ A história é a realização da idéia da liberdade” HEGEL**

Este trabalho tem como escopo fazer algumas reflexões sobre o neo-desemprego, levando em consideração a problemática da globalização e suas implicações e perspectivas no mundo do trabalho.

Nosso propósito é provocar a lógica neoliberal que, nesta última década, tem mistificado a solução econômica dos países chamados “ periféricos”, utilizando uma estabilidade econômica acompanhada de graves conseqüências sociais, destacando-se: o desemprego, o subemprego etc...

Nessa perspectiva a ordem do capital se impõe, indiferente às aspirações e lutas dos chamados excluídos, reforçando o discurso da classe dominante em todos os continentes (União Européia, Mercosul, Nafta), o que vem se apresentando uniforme e portador das mesmas práticas.

O mundo atual vive uma fragmentação nefasta no que se refere às relações sociais, culturais e interpessoais, esta situação faz explodir um individualismo egocêntrico, fruto da eliminação do humanismo e da solidariedade em nome de uma vida “ light “.

O homem pós-moderno está se tornando árido e insensível, transformando-se em cifras e resultados econômicos e esta realidade, leva também a uma guerra não só individual mas, como diz HOBBS: “ A guerra de cada um contra cada um”.

Por conseguinte, várias interrogações faz-nos mergulhar num labirinto de difícil saída.

São apresentados novos paradigmas dentro da razão planejada do Capital, porém, dentro desta sociedade globalizada, as soluções dos problemas sociais precisam ser também globalizadas, isto porque os desafios são multifacetados, como por exemplo, os desafios ambientais, os direitos dos trabalhadores e a questão do desemprego.

---

\* Professor Adjunto IV da Universidade Federal de Santa Catarina - Centro de Ciências Jurídicas. Pós-graduação: Mestre em Direito. Membro da Ordem dos advogados do Brasil, seccional de Santa Catarina.

Portanto, as interrogações são muitas, face a falta de perspectivas concretas, face a ditadura que o Capital financeiro imprime a todas as economias nacionais e ao servilismo cínico da classe dominante.

## I

A sociedade hodierna vive uma grande crise que é a de falta de perspectiva, pois o nosso horizonte do futuro estreitou-se, mas, é preciso esboçar uma resistência dentro de uma reflexão profunda sobre os valores fundamentais da nossa sociedade, incluindo, como uma questão básica, uma política de emprego com a garantia dos Direitos Sociais.

Acreditamos que diante dos desafios possamos fazer as necessárias releituras e revisões de paradigmas variados, transformando-os num ingrediente essencial para aceitar a incerteza ora vivenciada, numa solução ou em soluções face a desordem e as incertezas que nos afligem.

Podemos usufruir da sabedoria da incerteza como terreno fértil para criarmos, através da liberdade e dos princípios da democracia, uma saída para a humanização das relações capital-trabalho, com o objetivo maior de construirmos uma sociedade socialmente justa.

Diante da (des)ordem econômica mundial o Capital internacional, através de vários mecanismos, vem alimentando um reajuste na estrutura dos Estados com a famigerada política de estabilidade econômica, além de fomentar a criação de blocos econômicos, como o Mercosul, Nafta etc.

Nestes últimos anos o MERCOSUL vem sendo decantado por todos os Governantes dos países envolvidos, quais sejam: Brasil, Argentina, Uruguai e o Paraguai. Porém, é fundamental não confundir a “integração” dos povos com a “entregação” pois, a unificação dos mercados dos países do Cone Sul, criado pelo Tratado de Assunção, é cristalino em questões fundamentais, como o tema sobre a livre circulação de pessoas, que de forma inteligível não prevê tal Direito, apenas se referem a livre circulação de bens, serviços e fatores produtivos entre os países, bem como, à eliminação dos direitos alfandegários, estabelecimento de tarifas externas comuns, adoção de uma política comercial comum etc.

As interrogações sobre a eficácia deste projeto chamado “modernidade” ou Mercosul são muitas, porém, vamos elencar apenas algumas.

A primeira é no que se refere a falta de objetivos e prioridades nas questões fundamentais, como os problemas relacionados as relações de trabalho entre os Estados-membros do Mercosul e a polêmica discussão sobre a homogeneidade da legislação trabalhista.

A segunda são as mistificações que o Mercosul gerou, criando certa expectativa exagerada de que a integração dentro de pouco tempo criaria uma legislação de Direito Comunitário.

A terceira é problemática do desemprego com as questões de ordem jurídica que preservem as conquistas trabalhistas obtidas em cada país membro.

O fato é que se sucedem as reuniões de cúpula dos Estados-membros do Mercosul, as quais têm deixado a desejar em todos os aspectos. Na reunião de Ouro Preto (dezembro de 1994) ficou estabelecido que o processo de implantação do Tratado de Assunção seria desenvolvido no período de janeiro de 1995 a dezembro de 2005.

Outro ponto que ficou determinado foi que as estruturas institucionais intergovernamentais ficariam restritas a duas áreas:

- A consolidação da zona de Livre Comércio (Tarifa zero) e
- A consolidação da União Aduaneira (Implantação da Tarifa externa comum nos países integrantes).

Em consequência, o Mercosul para a maioria dos cidadãos não passa de um mercado comum, ou seja, de comum para os cidadãos, trabalhadores e excluídos das sociedades do Cone Sul, e o que, realmente, se percebe é o desemprego e a política Neoliberal da reengenharia social.

O Mercosul apresenta-se para os trabalhadores que desejam livre circulação de pessoas no mesmo espaço comunitário, como uma grande incógnita, pois, ficará postergada para um futuro/presente. O fato é que nos dias atuais se vivência uma ruptura brutal do modelo de política de pleno emprego para a reforma política de pleno emprego.

A revolução silenciosa do Neoliberalismo nos países chamados de Primeiro Mundo (Comunidade Européia) cria, hodiernamente, uma expectativa direcionada a um futuro no qual a riqueza até poderá ser abundante, mas o emprego será um bem escasso.

Podemos dizer que o Mercosul só tem um compromisso, que é de entregar-se de corpo inteiro na globalização da economia, tendo como base a ótica do Capital. Daí as políticas dos Estados-membros falarem tanto na flexibilização dos Direitos Sociais, na redução do Estado e na privatização de setores estratégicos para o desenvolvimento dos países.

Portanto, o grande estorvo para o desenvolvimento social, cultural e econômico de nossas sociedades é o fundamento Neoliberal do Mercosul, pois, atualmente, o único ponto em comum de todos os cidadãos do Cone sul é a falta de perspectivas, agravadas pelas injustiças sociais no interior de cada país membro.

## II

Parafrazeando o historiador francês François Furet, perguntamos como o liberalismo, agora na versão neo, pode enganar a tantos, por quanto tempo?

Não queremos mergulhar na história do liberalismo, nem tampouco na do Capitalismo, mas é necessário fazermos algumas ilações sobre a fantasia do capitalismo neoliberal. Uma dessas ilusões é a exacerbação do individualismo como um valor universal e primário.

Esta situação de individualismo egocêntrico faz explodir um indivíduo desesperado em face da pobreza, da discriminação e do desemprego, além da solidão. Ademais, a solidão é o re-

verso da solidariedade social e de utopias com lutas políticas.

A solidão é um tema com poucas repercussões na vida dos partidos e dos sindicatos, como também, nunca foi tratado de forma relevante no campo da Ciência Política.

Queremos chamar a atenção para a importância da consciência política dos integrantes da sociedade, incluindo as entidades não governamentais e, também, os sindicatos, para num primeiro momento proteger os Direitos imediatamente ameaçados e gerar o movimento desafiador desse isolamento.

Somente uma ação propondo a superação do corporativismo e a criação de uma nova cidadania transgressora dos limites impostos pela ditadura que o capital financeiro imprime, será capaz de enfrentar os cálculos da utopia Neoliberal.

O fato é que a doutrina individualista, centrada no egoísmo, sempre foi defendida pelo pensamento econômico liberal, concentrada na idéia de que toda política institucional pressupõe que o interesse próprio governa a conduta individual e determina-lhe o norte.

Desse modo, o Neoliberalismo, alicerçado nesta concepção individualista, não proíbe que se fale das mazelas sociais, desde que não sejam afetados os interesses do individualismo de poucos indivíduos, notadamente aqueles que dominam.

Esse tema é facilmente compreendido quando verificamos as constituições brasileiras, nas quais, os que hoje se apresentam como “empreendedores”, detêm uma posição histórica contrária à regulamentação dos Direitos Sociais e, principalmente, quanto à sua inserção no âmbito do texto da Constituição.

Os núncios da “modernidade” foram os cúmplices da Ditadura e, agora, participantes dos sociais-democratas neoliberais, pregam a flexibilização dos Direitos Sociais e a desconstitucionalização destes direitos e da soberania nacional.

Em nome da “modernidade” ou dentro de sua lógica, que é a da necessidade do mercado global funcionar condizente com a neo-competitividade, tornam-se incompatíveis o crescimento produtivo e os Direitos Sociais.

Conseqüentemente, este assunto se impõe como campo de reflexão, ou seja, a discussão do tema deve ter como base a Democracia, pois, o fascínio do neoliberalismo, reforçando o individualismo e o egoísmo, torna-se, numa época de crise, um tema interessante, mas não passa de reflexões, pois, as mazelas sociais se aprofundam e a falta de perspectiva toma conta da maioria dos cidadãos.

É importante não perder de vista que o neoliberalismo é um programa político-ideológico que procura adaptar-se ao fenômeno da globalização, como um processo estrutural objetivo, uma vez que estamos vivenciando uma profunda revolução que atinge todas as pessoas comuns, chegando, inclusive, à questão da estrutura do Estado.

Portanto, a globalização produz, concomitantemente, uma situação nova e inédita na história do capitalismo e uma insegurança no emprego, com as conseqüências dramáticas do desemprego. A mundialização do capital fez com que explodissem formas instituci-

onais consagradas nestes últimos cinquenta anos, destacando-se o trabalho assalariado, enquanto forma de inserção social: o sistema monetário internacional, fundado sobre taxas fixas de câmbio; e, a existência de instituições nacionais com capacidade de impor uma disciplina ao capital privado.

A globalização é a expressão máxima das forças produtivas internacionais, porém, só a classe trabalhadora tem as condições de dar uma resposta política progressista, através das lutas que se descortinam no horizonte histórico, como uma saída concreta contra a barbárie neoliberal.

### III

O cenário futurístico de uma economia globalizada ganha contornos de tragédia social, onde o principal ingrediente é o desemprego.

O Brasil em muitos aspectos se encontra no século XIX, porém, começa a viver a crise social do século XXI. O fato é que existem, hoje, dois exércitos de excluídos: um historicamente alijado da produção e o outro que está sendo posto para fora de seus empregos em face das novas tecnologias.

Diante dessa realidade ou das mudanças que se operam na sociedade capitalista, aumenta-se o desemprego e, ao mesmo tempo, radicalizam a separação da sociedade formal em relação à informalidade, caracterizada com a desregulamentação dos Direitos Sociais e a perda da credibilidade da Carta Magna, garantidora desses direitos.

Essa realidade levou ao movimento sindical uma crise sem precedentes na história da sociedade industrial. E o mais grave é que esta crise não ocorre apenas nos países capitalistas mais desenvolvidos, mas, também, nos países de economia capitalista dependente, corporificando o fantasma do desemprego, o que vem, sobretudo, aterrorizando os trabalhadores e os excluídos. Torna-se difícil, para as entidades sindicais, travar uma luta política no país e, como consequência, enfraquecem os demais movimentos sociais.

A crise de representação sindical é o resultado da crescente desagregação da classe operária, com uma agravante; o desinteresse pela ação sindical.

Para usar uma expressão de Gramsci, o que caracteriza hoje o comportamento dos trabalhadores é um tipo de “hegemonia passiva”, no qual se enclausuram, por falta de novos caminhos e dominados pelo conhecimento e informação da classe dominante, e se entregam ao individualismo egocêntrico.

O desnorreamento dos indivíduos cria um estado de inépcia, levando-os a não acreditarem nas utopias solidárias. Estas utopias estão sendo substituídas pelas utopias Neoliberais, com a supremacia de um livre mercado e o discurso do “fim da história”.

Desse modo, o sindicalismo precisa apresentar uma nova referência utópica, compatível com o tempo atual e com capacidade concreta de contrapor-se à ideologia Neoliberal.

É preciso criar novas formas de luta, levando em consideração os novos interesses entre as classes e uma releit-

ra das matrizes que fundamentam nossa época atual.

Portanto, insistimos na problemática do desemprego e na revisão estratégica dos sindicatos, como um tema político de extrema relevância. Ademais, a questão socio-econômica, mais presente no cotidiano dos cidadãos, é a situação do capitalismo e suas conseqüências, que é a questão do emprego e do desemprego.

O sindicalismo precisa criar um movimento que transcenda suas demandas imediatas e corporativistas, articulando movimentos impulsionadores de uma nova cultura de solidariedade para fortalecer politicamente um projeto humanista e efetivamente transformador do ser humano, que diuturnamente vem sendo ludibriado com o discurso neoliberal.

Nessa perspectiva, as transformações tecnológicas mudaram a estrutura do mercado de trabalho, convertendo o desemprego estrutural na questão crítica da economia mundial, criando novas formas de relacionamento entre o capital e o trabalho, exigindo um novo modo de agir do comércio internacional, com conseqüências profundas no movimento sindical e operário no que diz respeito a sua capacidade de resistência e mobilização.

Nesse quadro complexo, onde focalizamos a questão do desemprego, podemos enxergar uma luta de classes mais sutis e isto implica numa tomada de posição política mais realista, ou seja, o movimento sindical só pode crescer se souber fazer alianças realistas e se tiver propostas de solidariedade com competência política para dividir o campo de atuação com a classe dominante.

“O terreno onde a assimilação do pluralismo poderá vir a ser comprovada não será o terreno do discurso, mas o da criação prática de condições nas quais os socialistas venham a se capacitar para a construção de uma cidadania democrática. Os “marxistas” estarão sob observação, cabe-lhes demonstrar na atividade política que a “filosofia da práxis” lhes permite assegurar aos cidadãos, universalmente, direitos mais abrangentes e liberdades mais completas do que as propiciadas pela concepção liberal”<sup>1</sup>.

“O movimento de ida e volta que se realiza no plano intersubjetivo, a atividade que leva os cidadãos a interferirem uns na vida dos outros, passa inevitavelmente pelo diálogo. Não devemos esquecer, nunca, que a palavra dialética é irmã gêmea da palavra diálogo: elas nasceram do prefixo dia (que indica reciprocidade) e do verbo lêgein ou do substantivo logos, que se refere ao discurso da razão.

O diálogo não elimina as contradições (ao contrário, as pressupõe), mas lhes dá um tratamento especial, cuidadoso, reflexivo, porque nele o exercício da crítica se completa com a autocrítica.”<sup>2</sup>.

Esse individualismo exacerbado, preconizado pelo neoliberalismo, leva-nos ao isolamento social, relega a convivência humanitária e expurga qualquer perspectiva de globalização da renda, ao invés, concentra-a na classe

---

<sup>1</sup> Konder, Leandro. O futuro da filosofia da praxis: o pensamento de Marx no século XXI - Rio: Paz e Terra, 1992, p. 135-136.

<sup>2</sup> Idem, ibidem, p. 138-139.

dominante que norteia a política socio-econômica dos países e fixa suas prioridades, em detrimento da grande maioria da população que, hoje, mitiga suas aspirações e lutas na vã expectativa de melhoria de suas condições de vida.

O Mercosul, apregoadado e encaminhado, é mera utopia para concretizar os anseios e necessidades da sociedade moderna, ávida pela convivência humanitária e consecutória de interesses globais, sobrepondo-se àqueles centralizados pela dogmática neoliberal e que são impostos pelos dominantes para, novamente, assegurar a dominação, com a implosão da cultura humanitária e imersão da melhoria da qualidade de vida.

O Estado, capitamiado por seus dirigentes e agregados, volta-se para os interesses mesquinhos de poucos, os privilegiados, leva sua população ao desalento e renega sua condição de sociedade, entretanto, preconiza as injustiças sociais e a supremacia do individualismo neoliberal para, dessa forma, determinar o norte, sem objeções e contratempos.

Portanto, é de fundamental importância olhar e avaliar a nossa realidade, buscando através do autodescobrimento as alternativas concretas para entender o que o neoliberalismo tem de mais resistente e criar, neste processo dialético, o fortalecimento da cultura humanitária-solidária e o fortalecimento da Democracia, como forma de interação entre governantes e governados para consecução das aspirações humanitárias e sociais.

Enfim, é preciso que se crie perspectiva concreta para a superação da ordem do capital, tendo como escopo o bloqueio e a reversão da dinâmica que compele o sistema capitalista rumo a barbárie.

“Toda experiência histórica confirma esta verdade: o homem não teria alcançado o possível se, repetidas vezes, não tivesse tentado o impossível.”

MAX WEBER